

LETICIA MITIKO TADA

**“TEORIA DO MEDALHÃO”: ATUALIDADE DA
CRÍTICA SOCIAL DE MACHADO DE ASSIS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE SÃO PAULO – SANTA CRUZ
JABOTICABAL – SP
2009**

LETICIA MITIKO TADA

**“TEORIA DO MEDALHÃO”: ATUALIDADE DA
CRÍTICA SOCIAL DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa: Compreensão e Produção de textos.

Orientadora: Prof^a Djenane Sichieri Wagner Cunha
Doutoranda em Língua Portuguesa pela PUC de São Paulo
Professora de Língua Portuguesa em cursos de graduação e de pós-graduação

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE SÃO PAULO – SANTA CRUZ
JABOTICABAL – SP
2009**

Dedicamos

este trabalho a nossas famílias pela compreensão em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

Em especial, às minhas amigas, Cíntia Suzuki, Fernanda Chechia Ayres de Aguirra, Ieda Aparecida Lima, Nathália Alves Possenti, Sandra Kaori Okada e Silvia Honda Takada, pelo mútuo aprendizado de vida, durante nossa convivência, no campo profissional e particular.

AGRADECIMENTOS

À Profª Djenane Sichieri Wagner Cunha, por sua dedicação e orientação.

A todos os professores que participaram do nosso curso, bem como aos colegas de turma, em especial aos meus amigos Celson Ribeiro Nunes dos Santos Fernanda Chechia Ayres de Aguirra, Larissa Ferraz Ferreira e Sandra Kaori Okada, pela colaboração nos trabalhos e estudos.

À Silvia Honda Takada, amiga de sempre, pelo exemplo de dedicação ao trabalho e à pesquisa científica e fonte de inspiração.

À minha família, sempre presente nos momentos difíceis, com quem quero compartilhar mais um momento de alegria por concluir este trabalho.

Às minhas filhas, Nike e Mel, que me fizeram companhia nas horas passadas em frente ao computador.

"Quando eu era jovem e livre, sonhava em mudar o mundo. Na maturidade, descobri que o mundo não mudaria. Então resolvi transformar o meu país. Depois de algum esforço, terminei por entender que isto também era impossível. No final dos meus anos, procurei mudar minha família, mas eles continuaram a ser como eram. Agora, no leito da minha morte, descobro que a minha missão teria sido mudar a mim mesmo. Se tivesse feito isto, eu seria capaz de transformar minha família. Então, com um pouco de sorte, esta mudança afetaria o meu país, e quem sabe, o mundo inteiro".

Epitáfio de um bispo anglicano (1100 d.C.), na abadia de Westminster

RESUMO

Com este trabalho pretendemos demonstrar a importância da leitura da obra de Machado de Assis, tendo em vista a atualidade dos temas abordados pelo escritor, especialmente, na sua fase realista. Para efetuar o presente estudo, escolhemos o conto “Teoria do Medalhão”, publicado em *Papéis Avulsos*, de 1882, no qual Machado de Assis faz uma crítica à sociedade do final do século XIX, através de um diálogo entre pai e filho, que ocorre após jantar comemorativo da maioridade do filho, no qual o pai aconselha-o a tornar-se um medalhão, figura de destaque e prestígio na sociedade, mas sem idéias próprias. Dessa forma, Machado, com a ironia que lhe é peculiar, critica a sociedade burguesa, medíocre e baseada nas aparências, do Rio de Janeiro, no final do século XIX. Este trabalho é composto de seis capítulos, subdividido em subcapítulos. O primeiro capítulo aborda a vida de Machado de Assis. O segundo apresenta as principais obras do autor e suas fases. O terceiro contempla Machado de Assis como contista. O quarto analisa o conto objeto deste trabalho. O quinto faz uma comparação entre o tema do conto “Teoria do Medalhão” com o abordado no conto “O espelho”. O sexto faz uma releitura da “teoria” formulada no conto, sob a ótica da sociedade atual. Nas considerações finais, procuramos destacar a importância da leitura de Machado de Assis, não só por se tratar de um dos maiores escritores da literatura brasileira, mas também por ser um autor à frente de seu tempo, que continua atualíssimo, bem como a importância da literatura como instrumento de reflexão, compreensão e modificação da realidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. MACHADO DE ASSIS	11
1.1 Origens	11
1.2 Vocação literária	11
1.3 Obras e suas fases	12
2. A OBRA MACHADIANA	13
2.1 Primeira fase	13
2.2 Segunda fase	14
3. CONTOS MACHADIANOS	17
3.1 Relatos do cotidiano	17
3.2 Realismo interior	18
3.3 Influência da crônica	18
4. O CONTO “TEORIA DO MEDALHÃO”	20
4.1 Estrutura do conto	20
4.2 Tempo, espaço e personagens	21
4.3 Crítica social	22
4.4 O medalhão: conselhos de pai para filho	23
5. CONVERSA COM “O ESPELHO”	26
6. MACHADO NO SÉCULO XXI	28

CONSIDERAÇÕES FINAIS 31

REFERÊNCIAS 33

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a análise do conto “Teoria do Medalhão”, de autoria de Machado de Assis, publicado inicialmente na Gazeta de Notícias, no ano de 1881 e depois em *Papéis avulsos*, de 1882.

A escolha do tema deu-se em função da importância do escritor para a literatura brasileira e mundial e também devido à atualidade de sua obra.

Enfocaremos, especificamente, a crítica feita ao comportamento de alguns membros da sociedade do Rio de Janeiro do final do Século XIX, através da figura do “medalhão”.

Analisaremos a estrutura e dinâmica social através do diálogo que se estabelece entre pai e filho, destacando os pontos-chave para a compreensão da “teoria” formulada, bem como da crítica social nela contida.

A seguir, estabeleceremos um paralelo entre o conto objeto deste estudo e o conto “O Espelho”, também publicado em *Papéis avulsos*, no qual o autor questiona a noção de identidade do ser humano, contrapondo a vida interior e a vida exterior da personagem do jovem alferes Jacobina, a contradição entre “ser e parecer”.

Por fim, faremos uma transposição da teoria apresentada no conto para os dias atuais, tentando verificar sua aplicabilidade à sociedade de hoje.

Para o desenvolvimento do trabalho, foi utilizada pesquisa bibliográfica, principalmente, de textos escritos por críticos e estudiosos da obra machadiana.

Buscamos com este trabalho demonstrar a relevância da leitura da obra de Machado de Assis, pelos leitores de hoje, tendo em vista a sua atualidade, assim como sua capacidade de refletir sobre a realidade em que vivia, expondo-a através da análise interior de suas personagens. Ademais, dada a sua visão universalista, suas histórias poderiam ambientar-se em qualquer espaço ou tempo.

O trabalho foi estruturado em seis capítulos, divididos em subcapítulos, que abordam a vida de Machado de Assis, sua obra literária e as fases em que pode ser dividida, o autor como contista, a análise do conto em questão, o paralelo com o conto “O espelho” e, por fim, a atualidade do tema retratado no conto.

1. MACHADO DE ASSIS

Neste capítulo inicial abordaremos alguns fatos importantes da vida de Machado de Assis, sua vocação literária precoce, citaremos os movimentos literários da época em que viveu e suas principais obras.

1.1 Origens

Joaquim Maria Machado de Assis, nascido a 21 de junho de 1839, no fim do Período Regencial, na cidade do Rio de Janeiro, filho de uma lavadeira portuguesa, D. Maria Leopoldina Machado de Assis, e de um pintor de paredes, operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis.

Pouco se sabe sobre sua infância e início da juventude, somente que tinha saúde frágil, sofria de epilepsia e gagueira, constando, ainda, que ajudava a missa na Igreja Lampadosa. Seus pais viviam como agregados numa chácara no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro. A propriedade pertencia à família da viúva D. Maria José de Mendonça Barroso, esposa do senador Bento Barroso Pereira, e nela Machado passou boa parte de sua primeira infância, fato que exerceu grande influência em sua vida. A própria D. Maria José foi madrinha e protetora de Machado de Assis.

Assim, a infância de Machado de Assis dividiu-se entre o casarão da madrinha e a casa humilde de seus pais, o que fez o menino compreender desde cedo as diferenças da vida e desse contraste surgirá a inclinação pela fidalguia e certo desprezo pela pobreza, a ponto de pouco se referir a sua origem humilde.

Depois de Joaquim Maria, nasce uma menina, que morre prematuramente, e depois dela falece a mãe, casando-se seu pai novamente, foi criado pela madrasta,

Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e matricula-o na escola pública, única que freqüentou, revelando-se o menino aluno de muita inteligência.

Com o falecimento do pai, em 1851, Maria Inês, à época vivendo em São Cristóvão, emprega-se como doceira num colégio do bairro e Machado torna-se vendedor de doces, tendo contato com professores e alunos do colégio.

Foi casado com Carolina Augusta Xavier de Novais, que conheceu em 1867, por intermédio do poeta português Faustino Xavier de Novais, seu amigo, de quem Carolina era irmã. O casamento realizou em 1869 e chegou ao fim em 1904, ano da morte dela, não tiveram filhos. Carolina teve papel importante na carreira literária de Machado, culta e de educação esmerada, orientou as leituras do marido, levando-o a aprofundar-se nos clássicos portugueses e ingleses, que o influenciaram na segunda fase de sua obra.

1.2 Vocação literária

Sua vocação literária manifestou-se cedo, aos quinze anos, quando, em 1854, publicou um soneto a uma mulher chamada Petronilha, no *Periódico dos pobres*. Desde então escreveu ininterruptamente até os 69 anos, quando faleceu em 1908, sendo sua última obra publicada nesse mesmo ano, *Memorial de Aires*.

Sua produção literária abrange crônicas, poesias, textos teatrais, traduções, críticas, ensaios, contos e romances, com destaque para esses dois últimos gêneros literários.

No período em que viveu, várias foram as tendências artísticas da vida brasileira: Romantismo, Realismo, Naturalismo, Impressionismo, Parnasianismo e Simbolismo. Machado de Assis contribui para todas essas tendências, mas não se filiou a nenhuma delas particularmente, tendo criado um estilo próprio, o método universalizante de composição artística, consistente na interpretação da condição humana a partir da observação das pessoas de seu próprio tempo, tornando-se, senão o maior, um dos escritores mais importantes da literatura brasileira. Criou, ainda, no Brasil, a prosa poética, aquela que pretende ser apreciada mais pela estrutura verbal do que pelo enredo.

1.3 Obras e suas fases

A obra de Machado de Assis pode ser dividida em duas etapas distintas: a primeira fase, em que aparecem elementos românticos e que compreende crônicas, ensaios e críticas iniciais, quase todas as peças de teatro (cerca de 15), a dissertação irônica *Queda que as mulheres têm pelos tolos* (1861), as poesias de *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875), os contos de *Contos Fluminenses* (1870) e *Histórias da meia noite* (1873) e os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878); e a segunda fase, em que predomina um tipo de literatura especial, o chamado realismo machadiano, que inclui as crônicas e peças teatrais escritas de 1877 até o final, as poesias de *Ocidentais* (1901), os contos de *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias da casa velha* (1906) e os romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

Machado de Assis, além de escritor, trabalhou como tipógrafo, revisor, jornalista, repórter, tradutor, funcionário público e foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1896.

2. A OBRA MACHADIANA

Neste capítulo, trataremos das fases em que os autores costumam dividir a obra machadiana, suas características e as principais obras de cada fase.

2.1 Primeira fase

As obras mais importantes desta fase são os romances: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), que apresentam a trama das estórias românticas, envolvendo amores contrariados, dinheiro, família e casamento. Foram escritas em forma de folhetim, com publicação parcelada em jornais e revistas, feitas para divertir e moralizar, mas, apesar de sentimentais, tais romances possuem uma preocupação com a análise psicológica ou investigação dos motivos da conduta das personagens.

Nesses romances, Machado de Assis descreve a estrutura familiar da aristocracia imperial do Rio de Janeiro, apresentando-a como perfeita, deixando de questionar sua legitimidade e considerando que alcançar um lugar dentro dessa estrutura seria a realização máxima do indivíduo. O autor demonstra suas convicções e o gosto do público da época, formado pela classe dominante, qual seja, famílias escravistas do Segundo Reinado.

O autor, nessa fase, procurou analisar a família e também as normas sociais em conflito com os impulsos naturais. Todos os romances dessa fase, com exceção de *Ressurreição*, abordam o problema da ascensão social de moças pobres e a dificuldade de conciliar o amor com a ambição social.

Ressurreição, apesar de ser o primeiro romance de Machado de Assis e pertencer à fase inicial de sua obra, apresenta elementos que o aproximam da fase madura do autor, como por exemplo, a análise do mundo interior das personagens, a complexidade do caráter das mesmas e a ausência de paisagem.

2.2 Segunda fase

Nos contos e romances desta fase, que foram escritos entre 1880 e 1908, Machado de Assis concentra-se no indivíduo e não mais na estrutura familiar, explora seus traços éticos, morais e psicológicos e estuda problemas específicos, procurando formar um conceito sobre o homem. Porém, os textos não explicitam o problema que abordam, nem a conclusão a que chegam, dependendo de uma interpretação do leitor.

Machado de Assis desloca o interesse para o íntimo das personagens, pesquisando a alma humana, utilizando-se de uma técnica fragmentária de ação, que privilegia a análise das atitudes e situações. A análise machadiana muitas vezes é cruel, pois desvenda aquilo que nem sempre é agradável conhecer.

A propósito, ensina Moisés (2001, p. 46):

Penetrar-lhe a alma e os pensamentos, em busca, no mais recôndito da sua vida interior, da fonte dos dramas e do seu posterior desenvolvimento, - eis o seu objetivo maior. A sondagem interior não se detém nas primeiras camadas, como de hábito no romance romântico, segue em busca das regiões profundas, para além da consciência, onde se escondem os conflitos mais densos. Numa palavra: sondagem no inconsciente, como se a convite da Psicanálise. Visão da interioridade, mergulho no recesso do indivíduo guiado por imponderáveis, em atrito com personagens igualmente orientadas pelas pulsões abissais. No contexto social, assim como no interior de cada um dos seus membros, reinam "forças ocultas". E as pessoas se identificam mais por essas zonas de sombras do que por aquilo que deixam conhecer aos outros no convívio em sociedade.

Nesta fase, o autor inventa também um tipo de narrativa cuja lógica é inversa à da vida, resultando daí o realismo cômico-fantástico, de que são exemplos o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e o conto "Idéias de Canários", de *Páginas Recolhidas*.

O autor destaca-se pelo espírito de síntese e fragmentação, pela alusão, insinuando o todo pela apresentação das partes, selecionando os vocábulos e as situações, caracterizando o romance poético.

No estilo machadiano está presente tanto a referência direta como a linguagem figurada. O autor utiliza também os aforismos, o que torna seu texto ágil e contundente, em que predomina o conceitual e a ironia.

Os romances maduros de Machado de Assis, ao contrário dos romances iniciais, que falam de amor e casamento, abordam a falsidade da vida após o casamento, a busca pela acumulação de vantagens, mascarada pelo véu das boas maneiras, suas personagens refletem as camadas dominantes.

A obra machadiana busca as causas secretas dos atos humanos, possuindo o autor uma visão pessimista, pois entende que por trás desses atos sempre estão o ódio, o interesse, a incompreensão e nunca o amor, a generosidade ou a compreensão.

Acerca da visão machadiana, pondera Moisés (2001, p. 49):

Quanto à tendência para a indagação ou o comentário de natureza filosófica, por instigação dos pensadores ou não, igualmente se manifesta nos romances da segunda fase, mas nos primeiros já se fazia sentir de algum modo. As personagens e o seu drama existencial servem ao romancista para expressar uma cosmovisão, talvez impossível de ser concretizada pelos mecanismos próprios da filosofia, puxados à abstração e aos conceitos. Graças à linguagem indireta da ficção, operando a transferência do objeto de representação do pensamento, ou algo como o “fingimento” poético de que fala Fernando Pessoa, Machado põe à mostra o avesso das personagens e revela os mecanismos sutis de que se valia para penetrar na realidade social a fim de lhe sondar as zonas obscuras. Assim como as suas personagens, ele mais se revelava quanto mais se escondia. O mundo, ao seu ver, não é opaco nem organizado, mas o seu brilho confunde e a sua aparente organização, além de ser fruto do pensamento racional, esconde o caos.

Uma das fontes do pessimismo de Machado de Assis foi a filosofia de Arthur Schopenhauer, pensador alemão para quem a essência do universo é a vontade, que é a causa de todo sofrimento, devendo pois ser suprimida do indivíduo. Mesmo o humor machadiano, muito marcado pelas paródias, revela o seu pessimismo.

Uma das características dos textos maduros de Machado de Assis é a ambivalência, revelada pela ironia de suas frases, em que há um contraste entre a aparência e a essência do que se diz, bem como pela intertextualidade, através da qual o autor incorpora a seus textos a própria história da humanidade.

Machado de Assis cria ainda a figura do leitor incluso, que é uma forma de personagem, possuindo vida própria na ficção do texto, inclusive, protagonizando algumas sequências, com o qual o narrador estabelece um diálogo.

Em sua obra, muitas vezes, vemos o escritor encarnar-se em algumas personagens, principalmente, as femininas dos primeiros romances, nesses livros, existe sempre o problema de mudança da condição social, a ambição das personagens, a busca pela ascensão social, parecendo ser a própria vida de Machado retratada na ficção. Fazia, assim, o autor através da análise das atitudes das personagens, seu exame de consciência. Seus livros tornam-se uma espécie de justificativa dos atos por ele praticados em sua vida.

3. CONTOS MACHADIANOS

Neste capítulo veremos mais especificamente o Machado de Assis contista, apontando as características principais de seus contos, bem como a influência da crônica no seu trabalho e estilo.

3.1 Relatos do cotidiano

Machado de Assis é um mestre em oferecer relatos do cotidiano e criou narrativas comparadas a obras de outros grandes autores do gênero, como Voltaire, Poe, Maupassant, Tchekov, Katherine Mansfield, como cita Moisés (2001, p. 15).

Foi um grande contista, não só quanto ao aspecto numérico, mas quanto ao conteúdo de suas narrativas, podemos até considerar seus romances como alargamentos de contos.

Quanto aos contos machadianos, Moisés (2001, p. 14) explicita:

Começamos a focalizar os contos, notadamente os da chamada fase realista. O que se pede a um conto lembra o que se pede a uma anedota, com as diferenças evidentes, em grau, força, significado e função. Um flagrante do cotidiano, submetido ao exame do microscópio, que nele surpreenda uma relação nova, um fato novo, uma figura nova, ou uma faceta nova da monotonia dos atos corriqueiros, é o que dele se espera. O conto detecta no efêmero da vida de uma pessoa anônima, entrevista no seu ramerrão, o episódio dramático que lhe permite sair da obscuridade, do anonimato, para a repentina celebridade concedida pelo olhar atento do ficcionista. Mas nesse relance, a sua vida ganha uma permanência que não teria doutro modo, na retina e na imaginação do escritor e do leitor, uma espécie de fugaz eternidade, ainda que o momento privilegiado que ele protagoniza possa ser a antevéspera da morte ou do afastamento do convívio humano.

3.2 Realismo interior

Em seus contos, Machado dirige o olhar para o interior das personagens, sendo bastante sucinto quanto às características externas e quanto ao cenário e elementos paisagísticos.

Normalmente, suas histórias têm como pano de fundo o Rio de Janeiro, mas em razão do realismo interior, poderiam acontecer em qualquer outra parte do mundo, daí a universalidade da obra machadiana, sobre essa questão, observa Moisés (2001, p. 119):

O resultado é uma comédia humana carioca nos seus momentos mais característicos. Desenhada porém dum tal modo que nela se contemplam os paradigmas da sociedade burguesa da época. E não só: na sondagem do cidadão miúdo, por vezes suburbano, Machado surpreende arquétipos universais, como se o Rio de Janeiro do seu tempo fosse o microcosmos onde se espelhava o ser humano de outras paragens e outros tempos. E tudo com o fino humor e a sutil ironia que constituíram as forças motrizes da sua cosmovisão, fartamente documentadas na antologia que ora vem a público.

Machado retira das personagens as máscaras que elas utilizam no convívio social e revela as zonas obscuras de seu caráter, demonstrando sua visão pessimista sobre o mundo, mas com muito humor e ironia, que também são características de sua obra.

3.3 Influência da crônica

O trabalho como cronista também influenciou muito a obra de Machado, pois através desse ofício, como observador atento da sociedade em que vivia, pode retirar muita matéria-prima para seus contos e romances, e o exercício diário da escrita apurou seu estilo, tornando-o, claro, direto, conciso.

Acerca do estilo machadiano, Moisés conclui (2001, p. 119):

A grandeza dos contos machadianos começa nessa incomum capacidade de ver o instante revelador das figuras em conflito no seu aspecto mais dramático ou trágico. Machado vai diretamente ao ponto, não raro driblando as expectativas do leitor: por mais que este ponha a funcionar a sua imaginação, não consegue antever o desfecho da história. Mesmo nos contos que fluem naturalmente, como se fossem crônicas inspiradas no cotidiano banal, o desenlace é uma surpresa para o leitor. A necessidade da releitura pode ser a consequência imediata dessa brincadeira de esconde-esconde, como se o leitor, espicaçado, tivesse de voltar uma vez mais ao

conto para surpreender os pormenores onde se ocultam as chaves que facultem prever o seu final. Um autêntico espetáculo hipnótico, vazado numa linguagem concisa, ática, com a falsa aparência de simplicidade, que somente os grandes contistas conseguem montar. Aí, em síntese, a mestria de Machado na arte do conto, e a sedução que exerce ainda hoje nos leitores, inclusive os mais exigentes.

4. O CONTO “TEORIA DO MEDALHÃO”

Este capítulo concentra-se no conto objeto deste trabalho, analisando a estrutura do conto, suas personagens, o tempo e espaço em que se desenvolve, bem como a crítica social nele contida.

4.1 Estrutura do conto

O conto “Teoria do Medalhão” foi originalmente publicado na Gazeta de Notícias, no ano de 1881, e posteriormente no livro *Papéis Avulsos*, em 1882, não apresenta narrador, possuindo apenas duas personagens, pai e filho, desenrolando-se através de um diálogo, após jantar comemorativo do aniversário de vinte e um anos do filho. Nessa conversa, o genitor apresenta ao filho conselhos para que este possa alcançar respeito, fama e prestígio na sociedade carioca do final do século XIX, tornando-se um “Medalhão”.

“Medalhão”, popularmente, significa homem importante, figurão, indivíduo sem valor real, elevado a posições importantes pelo dinheiro ou influências diversas.

Alcides Villaça disserta acerca da ironia do título do conto em análise (GUIDIN, GRANJA, RICIERY (Orgs.), 2008, p.32/33):

Nem conto, nem narrativa e, a rigor, nem mesmo “teoria”: descontado o arremedo de tratamento ficcional das primeiras falas desse “diálogo” (que tampouco o é de fato, quando se atenta para o espírito desse texto, o que temos são considerações sobre valores e comportamentos triunfantes na vida mundana de certa sociedade. O termo *teoria* (que remete, etimologicamente, aos mais altos conhecimentos, afetos ao plano do divino, e cujo uso moderno indica a investigação mais ambiciosa, de caráter sistêmico e abstrato) tem contrapartida irônica no caráter essencialmente *pragmático* das observações em marcha. A ironia cresce no contraste entre o estatuto dos termos “teoria”, sem dúvida altaneiro, e o de “medalhão”, certamente mundano. Mas a fórmula aspira à superação

do aparente paradoxo em nome do realismo que dissolveria a antinomia.

4.2 Tempo, espaço e personagens

A ação ocorre num intervalo de uma hora, das onze horas da noite à meia-noite, no ano de 1875. Não há descrição do ambiente em que se passa a história, presume-se apenas que se trata da casa em que residem as personagens, pois se dá depois do jantar comemorativo do aniversário do filho, logo após a saída do último conviva e no final da conversa, as personagens recolhem-se para dormir.

As personagens do conto são Janjão e seu pai, não havendo referência ao nome deste último, sendo caracterizadas mais pelas posições que ocupam no grupo familiar. No diálogo estabelecido entre elas, o pai dirige-se ao filho sempre utilizando a 2ª pessoa pronominal, demonstrando uma proximidade e intimidade maior, já o filho utiliza a 3ª pessoa, revelando aceitação da autoridade paterna, como cabia aos filhos na época retratada no conto.

Observamos também que há uma diferença nas falas das personagens, contrastando os longos parágrafos do discurso paterno com as intervenções monossilábicas do filho, o que reforça o autoritarismo do pai e a posição passiva do filho.

Acerca de alguns elementos da cena retratada no conto, como “porta fechada” e “janela aberta”, observa Villaça (GUIDIN, GRANJA, RICIERI (Orgs.), 2008, p.34):

A circunstância mesma que se produz o “diálogo” é indicada nas notícias ralas sobre o jantar comemorativo da maioridade do filho, há pouco encerrado, e a disposição do pai em aproveitar o ensejo para uma “conversa séria” – espécie também de rito no qual se formalizam as novas responsabilidades da vida civil. Há algumas marcas de cena: na sala em que se dá a conversa íntima, há uma porta que deve ser fechada e uma janela que deve ser aberta. Informa-se, ainda, sobre a condição de que parte o aniversariante para o exercício da vida mais responsável: “algumas apólices, um diploma”.

Como se sabe, na economia da ficção machadiana, há sempre muito no mínimo. Não são gratuitas as referências à porta a se fechar e à janela a se abrir. Tais providências instigam a pensar no quanto o discurso que se prepara tem a ver com a esfera íntima do aconselhamento reservado (porta fechada) e com o plano da vida pública ao qual se refere e pelo qual se orientarão as instruções (janela aberta). Estará no cerne mesmo da “teoria” a tensão, a ser naturalizada, entre o que secretamente se elabora como propósito de vida prática e o exercício o mais alardeado e exterior possível dos

valores desejáveis para o reconhecimento público. Com os pressupostos tão desejáveis do “diploma” e das “apólices”, que marcam a condição inicial dos aspirantes ao *status* de sucesso, Janjão é orientado pelo pai responsável: o legado paterno se completa com a receita do medalhonismo – receita cínica, reagirão alguns leitores; receita indispensável, ponderarão outros. Tais reações, aliás, constituem historicamente a recepção de *O príncipe*, dado como chave para compreensão desta “teoria”.

4.3 A crítica social

No final do século XIX, a economia brasileira era essencialmente agrícola, tendo como principal produto de exportação o café. No contexto político, vivia-se às vésperas da proclamação da República, mas predominavam ainda as práticas políticas paternalistas. Neste conto, Machado faz uma crítica a essa sociedade, baseada na hipocrisia, mediocridade e na valorização das aparências e da ascensão social sem grandes esforços, por meio de troca de favores.

Villaça discorre sobre o “regime debilitante” pregado pelo pai de Janjão, que privilegia as idéias proveitosas, que são as dominantes, em detrimento das idéias próprias (GUIDIN, GRANJA, RICIERI (Orgs.), 2008, p. 39/40):

Há na Natureza como na História determinações e caprichos, ordem e acasos. Recusando-se terminantemente tanto ao pessimismo naturalista quanto ao idealismo romântico, Machado dispõe-se a desdobrar uma terceira via, muito sua e original, na qual reconhece tanto a força dos instintos como a possibilidade de gozá-la como ciência. A luta pela vida é brutal na base e administrável na superfície – entendida esta como o plano em que se dão os prazeres menos custosos e mais substanciais, mais imediatos e nada conflitivos. O desfrute da existência – prêmio para poucos – tem seu refinamento, que o livra das contingências da animalidade, mas não descuida do sensualismo direto dos prazeres do dia, que se costuma depreciar como “mundanos”. A condição desse desfrute é dada no “regime debilitante”, pregado pelo pai de Janjão. Trata-se da disciplina pela qual se abafa a força das “idéias próprias”, dando livre curso às idéias proveitosas, que são, não por acaso, as já dominantes. Tal regime, abafando os impulsos aventureiros da crítica e da criação original, cujos custos podem ser a angústia, a frustração e o ressentimento, tem em mira a feliz subserviência aos prazeres já garantidos, sólidos como o próprio corpo. Se a curiosidade intelectual e o ímpeto para as descobertas estão na natureza humana (constituindo uma via problemática para a compreensão da Vontade, na perspectiva schopenhauriana), também é do homem orientar-se pelo poder do prazer possível, administrável e sem riscos. Machado desloca o hedonismo do plano natural para o da conduta convencional, possivelmente entendendo a História da Civilização não apenas como o “discurso dos vencedores”, mas como o triunfo

do prazer material, que seria a razão verdadeira das batalhas pela vida.

Neste conto, o autor enfoca a contradição entre o parecer e o ser, entre a vida exterior, representada por máscaras, e a vida interior, demonstrando a força que a opinião pública possui sobre o indivíduo, acabando por anular sua essência.

Para desenvolver a sua crítica, Machado cria um tipo social, o Medalhão, que se caracteriza por aparentar ser o que não é, pois o objeto medalhão possui uma face oculta, sem grandes atrativos, voltada para o corpo daquele que o porta, e outra voltada para o exterior, para ser vista, admirada e respeitada.

4.4 O medalhão: conselhos de pai para filho

Janjão, ao atingir a maioridade, recebe do pai ensinamentos para alcançar no futuro prestígio e reconhecimento social, sem muitos esforços, adequando-se aos padrões e valores sociais da época. Para tanto, não deve o filho ter idéias próprias, procurando evitá-las através da prática de certas atividades, como a leitura de retóricas, o jogo de bilhar, o passeio nas ruas, desde que acompanhado, porque “*a solidão é oficina de idéias*”. Com isso, em até dois anos, o filho conseguirá reduzir bastante o intelecto.

O filho deve ainda utilizar “as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas, pelos anos, incrustadas na memória individual e pública”. O pai condena a aplicação dos processos modernos, mas louva sua denominação.

Segundo Villaça (GUIDIN, GRANJA, RICIERI (Orgs.), 2008, p. 37): “conservar não é paralisar-se: é aderir à dinâmica própria da dominação para que ela provenha sempre dos mesmos sujeitos”. Observa, ainda, que a moderação pregada no medalhonismo não visa apenas a combater os excessos, mas toda e qualquer ameaça ao *establishment*.

O pai prossegue falando sobre os benefícios da publicidade, ressaltando que o verdadeiro medalhão “longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos”. E que deve fazer festas e convidar a imprensa, para tornar públicos os acontecimentos, tornando-se figura indispensável e, se a imprensa não o fizer, redigir ele mesmo a matéria a ser

divulgada. Por fim, ressalta que “os sucessos de certa ordem embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa”.

Quanto à importância da publicidade para se tornar um verdadeiro medalhão, pondera Villaça (GUIDIN, GRANJA, RICIERI (Orgs.), 2008, p. 41):

Já em seu tempo, convencia-se Machado de que não há nada positivamente público sem o concurso das práticas da publicidade. Por todas as razões, pois, precisa o medalhão, para se converter em imagem aceita e nela se fixar, valer-se dos métodos da propaganda, sem os quais não sobrevive.

Nesta “teoria” tão pragmática, a ação da publicidade ocorre não apenas como projeto de longo alcance, representado pela construção silenciosa e gradativa do prestígio, mas também no cotidiano mais prosaico, beneficiando-se dos acasos, multiplicando-se em pequenos mas oportunos detalhes, cujo volume final é a solidez da imagem reconhecida e perpetuada do figurão.

O pai ressalta que o filho pode exercer outras atividades, inclusive políticas, pode pertencer a qualquer partido, desde que não se ligue a nenhuma idéia e, se for ao parlamento, deve ocupar a tribuna, pois é um modo de convocar a opinião pública.

Quanto à indagação do filho sobre imaginação e filosofia, o pai responde que o filho não deve chegar “a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros”. Quanto ao humor, o medalhão não precisa ser melancólico, mas não deve empregar a ironia.

No final da conversa, o pai pede ao filho que reflita sobre o que foi dito e termina dizendo que a conversa valeu pelo *Príncipe*, de Machiavel.

Essa alusão ao filósofo fiorentino não é nem um pouco gratuita, pois ele, assim como Machado, deteve-se no estudo do comportamento humano, quer seja na política, quer nas relações cotidianas, e ambos viam as relações humanas sob um ponto de vista bastante pragmático.

Maquiavel formulou uma teoria da condição humana, em que afirmava que um príncipe, para sobreviver ao poder, precisava aprender a não ser bom e a agir de acordo com a necessidade. O alvo de Maquiavel são as atitudes ingênuas, amparadas numa visão absoluta da moral.

Também para Machado de Assis, a ingenuidade é uma atitude imperdoável, e, em seus contos, a moral absoluta é confrontada com o realismo utilitário.

É interessante observarmos que o pai que aconselha o filho a se tornar um medalhão não conseguiu ele próprio atingir este que foi seu sonho de mocidade,

alegando terem lhe faltado as instruções de um pai, restando-lhe somente depositar as esperanças no filho, como consolo.

Podemos, num primeiro momento, concluir que esta declaração do pai revela tão-somente o desejo comum dos pais de que os filhos sejam mais do que eles próprios, mas, numa análise mais profunda, podemos pensar que para se tornar um verdadeiro medalhão é preciso interiorizar as regras, o que não ocorreu com o pai, que manteve ativa sua consciência crítica, o gosto pelas idéias próprias e originais, a ironia, o discernimento político e a crítica ideológica.

O medalhão simboliza a ascensão social, baseada na dissimulação e na cordialidade, demonstrando o conto que o meio-ambiente molda o indivíduo, pois a opinião pública tem muita influência sobre ele, por vezes, acabando por anular sua própria essência.

5. CONVERSA COM “O ESPELHO”

No conto “O Espelho – Esboço de uma Nova Teoria da Alma Humana”, publicado também em *Papéis Avulsos*, classificado por alguns críticos como conto-teoria, encontramos uma síntese da visão machadiana sobre o mundo.

O conto aborda questões levantadas em “Teoria do Medalhão”, sua personagem principal é João Jacobina, jovem alferes, que estando sozinho numa fazenda, percebe que sua vida interior é anulada na medida em que ficava sem ser visto com a farda indicadora de sua posição. Resolve o problema de identidade colocando a farda e fitando-se através do espelho, que dá nome ao conto, durante algumas horas por dia.

Este conto problematiza a questão da identificação do indivíduo, ela se dá através da aparência ou da essência?

Segundo o narrador, haveriam duas almas em cada criatura humana, uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro.

À alma interior corresponderiam os nossos sentimentos, emoções e pensamentos, ou seja, à subjetividade; a alma exterior seria o modo pelo qual interiorizamos a imagem que os outros têm de nós.

No conto, o alferes, alma exterior, acabou por eliminar o homem, Jacobina.

Sobre este conto, escreve Moisés (2001, p. 125):

Jacobina, o protagonista da narrativa, diz aos seus amigos, “investigadores de coisas metafísicas”, que há duas almas: a “alma interior” e a “alma exterior”, que pode ser representada por “um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação”. Um título e a farda de alferes lhe deram a “alma exterior” mais decisiva, como verificara quando Tia Marcolina sai para uma visita e os escravos fogem. A solidão desesperante apenas cessa quando se lembra de vestir a farda. E olhar-se ao espelho: lá via a “alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos”. Sentia-se de novo inteiro; reconquistara a sua “alma exterior”, não era mais “um autômato, era um ente animado”.

O tecido alegórico que garante a trama do conto deixa de ser encarado na sua polissemia, se apenas se empregar um dos métodos à disposição do crítico. Ao terminar o seu relato, Jacobina desce pelas escadas, seguido de Machado, como uma sombra. E o leitor com eles, abalado por sentimentos de perplexidade, nada incomuns quando se defronta com a comédia humana machadiana. É de notar, contudo, que Jacobina, praticando o direito de narrador da sua história, escapa arditamente ao questionamento dos seus interlocutores, deixando no ar tudo quanto dissera, desde a idéia da existência das duas almas até, retrospectivamente, o caso da farda de alferes, que lhe devolvia a “alma exterior” perdida, a integridade humana e a paz interna. Lembre-se que ele experimentara a troca da “alma exterior” em outras ocasiões, como a nos afiançar que temos, ou podemos ter, várias “almas exteriores”. Mas uma só “alma interior”: “as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência”.

Tanto no conto objeto do nosso estudo, quanto no conto “O Espelho”, Machado aborda a questão das máscaras que os indivíduos utilizam no convívio social e que, muitas vezes, acabam por anular a própria essência do indivíduo, a ponto de, sem a referida máscara, a pessoa não se reconhecer, como no caso do alferes Jacobina.

Mais uma vez, podemos verificar o realismo interior de Machado, explorando a inconsistência, a dualidade do sujeito, sondando a vida interior das personagens, o que se passa por detrás da máscara, os conflitos entre a essência e a aparência, sendo que esta última acaba por identificar o indivíduo, mais do que a primeira.

A ironia da fala do pai no conto “Teoria do Medalhão” revela a crítica feita pelo autor à sociedade burguesa medíocre, que prega o sucesso e a ascensão social a qualquer preço, mesmo à custa do empobrecimento ou até mesmo anulação da vida interior e das relações humanas.

A partir do conflito entre exterior e interior, percebemos que boa parte da obra machadiana reflete essa tensão entre o social e o individual, por trás da passagem da estética romântica para a realista. O autor, por meio de seus textos, expôs sua visão de mundo e refletiu sobre o homem de seu tempo.

6. MACHADO NO SÉCULO XXI

Machado de Assis é um dos grandes autores sintonizados com o seu tempo, ocupando posição de vanguarda na literatura, tendo quebrado com a tradição regionalista/nacionalista, tendo em vista o caráter universal de sua obra, entendendo a ficção como forma de recriar a realidade e de criticar as injustiças e mentiras sociais. Devido à visão pessimista que tinha da vida, revelou com ironia a mediocridade da alma humana através de suas personagens.

Os contos de Machado de Assis ocupam também papel de grande importância na literatura, retratando, através de uma linguagem concisa, o cotidiano e costumes da sociedade brasileira do século XIX, retratada no conto “Teoria do Medalhão”.

Neste conto já diagnosticava um fenômeno que só se consolidou e se tornou mais evidente, na atualidade, qual seja, o surgimento da sociedade de aparências, em que a imagem é tudo, valorizada ao extremo, em detrimento da própria essência dos indivíduos.

Podemos identificar “medalhões” em vários setores sociais, não só na política, onde é mais evidente, mas também na mídia, na publicidade, e vimos surgir e ganhar cada vez mais importância, o marketing pessoal.

Num mundo em que os *papparazzi* são, aparentemente, odiados, mas necessários para manter em evidência os famosos, a imagem é o produto mais vendido e consumido no mundo.

E, logicamente, por trás dessa valorização da imagem está a busca pelo sucesso, aceitação e ascensão social, como já ocorria na sociedade retratada no conto de Machado de Assis.

A fama que anteriormente só era alcançada após algum acontecimento notável ou depois de revelado algum talento ou qualidade especial do indivíduo, agora surge da simples participação em um programa de televisão, estilo *reality show*. E a única dúvida é, quanto tempo uma pessoa que participou de um desses programas e ficou instantaneamente famosa vai conseguir se manter na mídia às custas de algum talento recém descoberto ou até mesmo “construído”?

A auto-promoção, muitas vezes incentivada, é um dos instrumentos largamente utilizados na busca pela fama e sucesso.

Hoje, existem até mesmo os “marketeiros”, profissionais especializados em construir a imagem que um indivíduo quer passar para a sociedade e com isso obter benefícios para si próprio.

Assim, a “teoria” formulada por Machado de Assis no conto objeto deste estudo pode ser aplicada perfeitamente em nossa sociedade, podendo muito bem o diálogo ocorrido entre pai e filho ser transposto para os dias de hoje.

Portanto, um texto literário pode, mesmo mais de um século depois de escrito, nos levar a refletir sobre a nossa realidade, daí a importância da literatura em nossas vidas.

Quanto à função da ficção literária, na opinião de Moisés (2001, p. 61):

Ao contrário daqueles meios de comunicação, o texto literário presenteia o leitor com o alimento da esperança: em vez de o alienar, como alguém poderia apressadamente supor, dá-lhe uma noção da realidade em suas múltiplas facetas, na qual se inclui a utopia. A utopia que mora no cerne da Literatura. O fim da obra literária não é servir apenas de entretenimento, porquanto o seu fim não se acha nela própria, mas na visão da realidade que é captada nas suas malhas. Além de passatempo, o gozo estético que a visão do imaginário proporciona, está-lhe reservada outra função, mais inquietante, como formadora de consciências, - a de ser o lugar onde a utopia se cumpre como realidade palpável. Utopia não como o retorno ao passado, a um tempo e a um lugar de perfeição idílica, visionária, à maneira dos renascentistas ou dos árcades, nem como viagem a um futuro de harmonia universal, à maneira da ficção científica. Mas, sim, a utopia presente nos textos literários, em decorrência da sua mais íntima natureza, da transfiguração da realidade que nela se processa. Campo dos possíveis, como ensinava Aristóteles na sua *Poética*, não dos acontecimentos históricos. Utopia como imanência, que o texto literário detecta no espetáculo do mundo, infundindo-a, por meio dos recursos da fantasia, ao leitor incapaz de a vislumbrar com os próprios olhos. A obra literária constitui, assim, o espaço onde se exercita a faculdade que arremete o sujeito pensante (o autor ou o leitor) contra o objeto da sua obsessão: em vez de o afastar do seu alvo, a imaginação reenvia-o para a realidade, de modo a estabelecer-se um

circuito entre o real assimilado pelos sentidos e o real transmutado pela fantasia. O texto literário configura-se, por isso, como o terreno de eleição onde esse percurso se desenrola e se oferece ao olhar do “outro”. Instaurada a equação hipnótica que o texto faculta e promove, as partes envolvidas cedo verificam que adentraram, voluntariamente ou não, por entre as fissuras do tecido verbal, uma espécie de quarta dimensão, - a utopia. Se “a linguagem é a morada do ser”, como postulava Heidegger, a ficção literária pode ser considerada a morada da utopia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos o conto “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis, sob o ponto de vista da crítica feita ao comportamento de alguns membros da sociedade do Rio de Janeiro do final do Século XIX, através da figura do “medalhão”.

Estabelecemos um paralelo entre a sociedade retratada no conto e a sociedade atual, bem como entre o referido conto e “O Espelho”, conto no qual o autor retoma a contraposição entre aparência e essência, através da personagem do alferes Jacobina.

Verificamos que, em Machado, os valores éticos e morais estão sujeitos a uma visão pragmática, imposta pela necessidade de sobrevivência.

Nos contos citados, bem como em boa parte das obras da fase madura do autor, há a construção de uma teoria da ação humana, baseada no realismo utilitário.

Os enredos e tipos criados por Machado de Assis buscam dissimular a contradição entre ser e parecer, vida interior e vida pública, desejos profundos e máscaras sociais. No fundo, o que se busca é a auto-preservação.

Como diz o pai ao filho no conto em estudo: “A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as cousas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante”.

Segundo se depreende da obra de Machado, na vida em sociedade, os indivíduos procuram se defender e aos seus interesses, buscando o apoio e a conservação das instituições, as personagens femininas, através do matrimônio, e, as personagens masculinas, tornando-se “medalhões”.

O que hoje vemos na política, na mídia e nos programas de televisão, ou seja, o império das aparências e do espetáculo, o culto exacerbado à imagem e a utilização da mesma para a ascensão social, Machado já antecipava através de sua análise irônica da figura do medalhão, no final do século XIX.

Se por um lado, tal fato demonstra a genialidade do autor que escreveu o conto que ora estudamos, o que muito nos orgulha, por se tratar de um grande escritor brasileiro, lido e estudado também no exterior; por outro lado, nos deixa preocupados, pois, verificamos que a sociedade brasileira pouco ou nada mudou em pouco mais de cem anos, ou talvez, tenha até piorado em certos pontos. Ao final, apenas uma certeza, devemos ler mais Machado de Assis, pois sua obra continua atualíssima e pode nos ajudar a refletir sobre nossa própria realidade e, quem sabe mudá-la.

Por fim, mais um ensinamento de Moisés (2001, p. 60):

Sim, não é deste mundo, diriam os poetas, os artistas em geral, na esteira de Fernando Pessoa, para quem o “fazer arte é confessar que a vida ou não presta, ou não chega”, ou “a literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta”. E também diriam os ficcionistas, os criadores de histórias para entreter e, se possível, para educar, nas quais se aloja o sonho dourado de perfeição, a utopia. Mirando-se no espelho do texto, contemplando os semelhantes transfigurados em personagens, o leitor dá-se conta da imperfeição do mundo e a um só tempo sente-se atraído pela promessa de um mundo melhor aqui na terra. A utopia, agora, não se hospeda fora da realidade concreta, senão no interior do texto literário, como parte intrínseca da sua matéria, tão privilegiado é ele que pode reproduzir o mundo e, ao mesmo tempo, propor-lhe mudanças por meio da tomada de consciência da sua radical imperfeição.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, W. **A fortuna Crítica de Machado de Assis**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1994.

GUIDIN, M. L., GRANJA, L., RICIÉRI, F. W. (Orgs.). **Machado de Assis: Ensaio da crítica contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MOISÉS, M. **Machado de Assis: Ficção e Utopia**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

PEREIRA, L. S. **O conto machadiano: uma experiência de vertigem: ficção e psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.

QUEIROZ, M. E. **Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana**. Aparecida: Idéias & Letras, 2008.

TEIXEIRA, I. **Universidade hoje: apresentação de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.